

**Implementação de sistema agroflorestal demonstrativo na Terra Indígena  
Kaingang Apucarantina, Londrina/PR.**

Demonstrative Agroforest System with the Kaingang Apucarantina Community,  
Londrina/PR.

NORDER, L. A. C. Universidade Estadual de Londrina, norder@uel.br . RODRIGUES, D. C. A.  
Universidade Estadual de Londrina, diegocarodrigues@hotmail.com

**Resumo:** O projeto é desenvolvido com a população Kaingang da Terra Indígena Apucarantina, em Londrina/PR, cujo território passou por uma devastadora extração madeireira, entre as décadas de 50 e 80. Desde então, boa parte destas áreas foram abandonadas e, com a propagação de espécies com elevada inflamabilidade, como a samambaia e brachiaria, houve uma limitação na regeneração florestal, gerando impactos negativos na qualidade de vida e na cultura indígena. Neste contexto, a implementação de tecnologias agroflorestais, associadas às medidas de prevenção de incêndios, como também, à revalorização de espécies arbóreo-arbustivas tradicionais na cultura dos Kaingang, apresenta grande potencial para a difusão de novas práticas e conhecimentos voltados à reversão de uma grave situação de degradação ambiental e, ao mesmo tempo, constituir alternativas ocupacionais e econômicas para a comunidade. A programação de atividades inclui oficinas de educação ambiental junto à escola da aldeia e à produção de material didático e de divulgação voltado, especificamente, para o controle de incêndios e a difusão de tecnologias agroflorestais e agroecológicas.

**Palavras-chave:** Sistemas Agroflorestais; Terras Indígenas; Sustentabilidade.

**Abstract:** This project is developed with the Kaingang Apucarantina Community, in Londrina/PR, whose territory was submitted to a very intensive and rapid deforestation, between the 50's and 80's. Since then, most of this area were abandoned and, face the widespread diffusion of plants with high potential for combustion, as samambaia and brachiaria, the recuperation of forest resources was limited, despite its importance. This previous occupation generates several negative impacts on the quality of life and in the culture of this people. In this context, the implementation of agro-forestry system demonstrative project, associated with initiatives for controlled use of fire and the revalorization of the traditional knowledge about forest resources of the Kaingang community, may contribute to disseminate new practices and knowledge oriented toward the environmental recovering and to construct renewed alternatives for income and employment generation. The program of activities includes activities concerning environmental education and the production of material for dissemination of the agro-forest and agro-ecological systems and fire use control.

**Key-words:** Agro-forest System; Indigenous territory; Sustainability.

### **Apresentação**

Os povos Kaingang ocupam a região Sul do Brasil há mais de quatro mil anos, com base em uma cultura, um modo de vida e hábitos alimentares diretamente relacionados aos fartos recursos florestais da região (caça, pesca e coleta). Todavia, ao longo do processo de colonização para a produção cafeeira, estabeleceu-se no Paraná, durante várias décadas, uma verdadeira guerra entre Kaingang e colonizadores, que se desdobrou no reconhecimento e oficialização de territórios delimitados. Esse é o caso da Terra Indígena Apucarantina, em Londrina-PR, cuja área foi, logo em seguida, a partir

dos anos 50, submetida a uma intensa e devastadora extração madeireira, fomentada, inclusive, por agências governamentais. O desmatamento era sucedido pelo arrendamento de glebas a pequenos e médios produtores, vinculado à expansão da modernização agrícola na região.

A partir dos anos 80, o solo já estava em fase de saturação e, além disso, os arrendamentos começaram a ser questionados e rejeitados pela comunidade. Desde então, tais áreas foram abandonadas e, devido à grande propagação de espécies de *Samambaia* e *Brachiaria* sp, ficaram sujeitas a incêndios constantes e de grandes proporções. Há uma estimativa de que somente em 2006 as áreas incendiadas tenham alcançado dois mil dos 6.300 hectares das terras indígenas Kaingang em Londrina. Isso tem acentuado a degradação na qualidade do solo e impedido a regeneração de fragmentos florestais, com fortes impactos na qualidade de vida e na cultura indígena.

Neste sentido, a utilização e adequação de recentes tecnologias agroflorestais, na forma de corredores (tecnologia ainda não acessível a esta população), em associação com a construção de aceiros e demais medidas de uso controlado do fogo e a revalorização e/ou (re)introdução de espécies arbóreo-arbustivas tradicionais na cultura dos Kaingang, poderão, em um prazo relativamente curto, contribuir significativamente para a difusão de novas práticas e conhecimentos voltados à reversão de uma grave situação de instabilidade ambiental e para a constituição de alternativas ocupacionais e econômicas para os Kaingang na Terra Indígena Apucarantina.

O contato com a comunidade iniciou no final de 2005. As conversas enfocavam o levantamento de demandas, idéias e possibilidades para desenvolver parceria entre a universidade e reserva indígena. O desenho das atividades construiu-se ao longo do ano de 2006, e concomitantemente, foi sendo esboçada, em grande medida informalmente, a constituição de uma rede sócio-técnica que viabilizou o plantio em fevereiro de 2007. As atividades contaram com a colaboração da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), IAPAR (Instituto Agrônomo do Paraná), LABRE (Laboratório de Biodiversidade e Restauração de Ecossistemas da Universidade Estadual de Londrina) e Prefeitura Municipal de Londrina.

A proposta partiu da demanda pela recuperação das florestas de araucária; posteriormente, foi incluída a idéia de inserir o plantio de erva mate e demais espécies nativas, especialmente as medicinais e frutíferas. Ficou estabelecido que, prioritariamente, fossem utilizadas unicamente espécies autóctones, uma vez que a região contempla uma variedade biológica com elevado potencial econômico,

especialmente de espécies com a finalidade medicinal. A área do plantio representa uma pequena parcela da área com forte disseminação de braquiária, justamente onde havia no passado um maciço de Araucária. Na implementação deste projeto demonstrativo, deliberou-se pelo uso de maquinário para controlar, temporariamente, a propagação da braquiária e viabilizar o plantio das mudas.

As atividades foram programadas em duas etapas: a primeira realizada em fevereiro, com o plantio das mudas de araucária, juntamente com as mudas de medicinais, nativas e frutíferas. O desenho inicial é de linhas em 6x2 metros, intercalando a cada araucária duas outras nativas. A manutenção constitui de uma rega logo após o plantio, coroamento das mudas e controle de formigas cortadeiras. A segunda fase será contemplada no final do inverno, redesenhando o sistema para 3x2 metros, com o acréscimo de linhas de mate, também intercalado com mudas de diversas espécies nativas.

Foram plantadas, de forma participativa, 2.100 mudas de árvores nativas em uma área demonstrativa de três hectares, de forma a conectar dois fragmentos florestais já em formação. Entre as mudas, temos 700 araucárias, 500 medicinais, 700 frutíferas, madeiras de lei e diversas outras nativas da região. Em breve, serão plantadas, de forma complementar, outras 2.100 mudas na mesma área.

A proposta está inserida no debate sobre sustentabilidade, que envolve inúmeras variáveis sobre a formação da renda agrícola e, conseqüentemente, sobre a lógica da agricultura, das comunidades locais e do meio rural. A abordagem também busca salientar a importância de um debate eficaz pela construção de uma articulação entre recuperação florestal e a criação de alternativas de geração de emprego e renda junto à comunidade.